



recontado por FILIPE LUNA

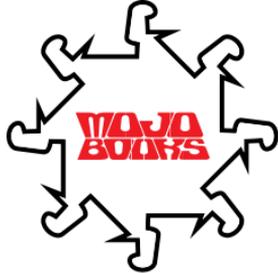
INTRODUCING  
dj shadow



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

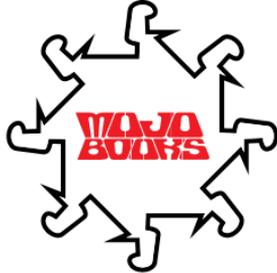


**VOLUME 17**

---

**ENDTRODUCING...**  
**dj shadow**

recontado por **FILIPE LUNA**



**VOLUME 17**

---

**ENDTRODUCING...**  
**dj shadow**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Março de 2007

Não dava para precisar o que estava mais quente, se era minha cabeça que fervia de raiva e quase cozinhava o sangue que jorrava do meu supercílio ou as minhas pernas presas nas ferragens, que ardiavam fedendo a gasolina. O sangue, as ferragens, a gasolina e os cacos de vidro eram culpa do meu carro, um fusquinha branco que o Ricardo tinha me vendido quando eu ainda estava na faculdade e que, assim como o antigo dono, sempre falhava quando você mais precisava dele. Todo mundo tem um amigo como o Ricardo. Daqueles que já te encheram a paciência, mas que tu faz questão de que esteja sempre por perto. O negócio é que, na época da faculdade, o pior que poderia acontecer era a gente tirar um zero e querer matar o moleque. Já o fusquinha, este levava mais jeito pra me matar mesmo.

Pense num carro com vocação para ser ferragem. Atropelava lata de lixo, ralava em grade, derrubava cone e tinha uma paixão especial por postes. Admito que minha imperícia ao volante ajudava na falta de senso de direção do carrinho. Mas que o bichinho era distraído, ah, isso era. Dessa vez tinha sido



a soma da velocidade inapropriada para um carro tão fubeca mais a pastilha de freio desgastada e o sinal que calhou estar vermelho na hora em que passávamos. O resultado: uma lata branca amassada — abraçando carinhosamente, veja só, um poste! —, manchada de vermelho pelo meu sangue e pela tinta de uma (até então) imaculada picape 4x4, que — olha como o Onipresente tem senso de humor! — era o motivo da raiva que eu sentia naquela noite.

A culpa toda era de Cecília que tinha encasquetado com a idéia de transformar minha testa numa cabeça de cervo e me decorar com uma galhada de fazer inveja ao pai do Bambi. Tá bom, tá bom, não foi bem um chifre. A gente tinha terminado. Mas não fazia nem um mês. Tinha necessidade de ela ficar enfiando a língua goela abaixo de um cidadão que mal conhecia?

— Você está sendo dramático de novo...

Essa era a Tina — melhor amiga e, na falta de um padre, confessorário particular —, já bem de saco cheio de mim naquela noite. Ela conhecia todos os meus draminhas e sabia que eu adorava me fazer de vítima. Era carência, ela dizia, pra fazer as pessoas sentirem pena de mim e ficarem me elogiando e paparicando. Cacete, era mesmo, eu gostava que ficassem me dando atenção. Tina era uma menina esperta...



— Dramático o caralho! Ela sabe que eu toco aqui sempre, por que inventou de vir?

— Porque o Caíto (Lembra dele? O cara que paga teu cachê aqui?) é o dono desse lugar.

— Ainda mais com esse babaca. Isso lá é nome de gente? Caíto?!

— É o namorado dela agora. Pode se acostumar porque isso vai acontecer de novo. Desça dessa nuvem em que você vive e volte pra realidade um pouco. Acabou, e você sabe que a culpa foi sua.

Tina era foda, não dava mole comigo. Por isso era minha melhor amiga. Na verdade, Cecília era minha melhor amiga, mas a gente tinha terminado e eu a havia rebaixado de posto. Ah, como se fosse simples assim! Não havia passado um dia em que eu não tivesse pensado nela e, embora Tina estivesse certa — porque eu realmente colaborei bastante para que ela decidisse terminar tudo —, quando você fica tanto tempo com a certeza de que achou a mulher da sua vida, como eu fiquei, não é tão fácil aceitar que você possa dar um fim naquilo.

— Você teve o que queria, não? Seja homem agora, seu frouxo.

— Não, Tina, não tive o que eu queria. Foi assim que acon-



teceu. Mas eu não precisava ter de ficar vendo ela e outro cara se atracando.

— Ela não ficou se atracando com ele, você continua com seus dramas. E tem outra: ela não está confortável com a situação. Tanto que foi embora.

— Taí uma boa idéia: ir embora! É isso que vou fazer. Pede pro Marquinhos levar meus discos pra casa depois, tá?

— Você não devia dirigir hoje. Você sempre faz merda quando está com raiva.

— Besteira, meu fusqueta me conduz.

— É, esse é o meu medo...

“Guiado por Deus” — tava lá o adesivo ainda colado no vidro de trás. Um evangélico que tinha sido dono do carro antes do Ricardo tinha posto lá e não dava mais para tirar. Olha só pra onde Ele me guiou... Desculpa, vou parar de colocar a culpa em Deus. No fundo, eu O entendo, acho massa o Seu senso de humor. É bem mais divertido que o meu. É sutil e sublime e, ao mesmo tempo, um pouco negro. Na verdade, tudo isso aqui é culpa minha mesmo. E do fusca, esse carro safado.

Enquanto tentava soltar minhas pernas pra sair do carro, identifiquei a picape. Era aquela vermelha, bem de boyzinho mesmo, que Caíto dirigia. Ele era gente boa, não me entenda mal, e eu



até me dava bem com ele. Mas o rapaz era rico e deslumbrado. Confesso que tinha um pouco de inveja da grana dele, apesar de ficar professando aos quatro ventos que eu amava o que fazia. E não era mentira, mas eu não amava a miséria que recebia. Por isso ficava fazendo esses bicos de DJ com o pulha do Caíto.

Eu entendia por que a Cecília estava com ele. Apesar de ser uma das arquitetas mais talentosas que eu já conheci, ela era insegura até dizer chega. E aquele riquinho era seguro, de uma maneira esquisita. Eu já tinha cansado de gastar minha saliva com ela. Era o tempo todo lembrando que essa menina podia se virar como poucos, mas tinha medo do que podia acontecer na vida. Muito diferente de mim. Se eu tivesse medo de me ferrar no futuro, eu já teria largado a revista há muito tempo. Tá vendo? Eu amava o que fazia. Ou então era muito burro mesmo.

Finalmente soltei a perna esquerda e botei o pé pra fora. A pressão foi lá embaixo. Só deu para ver a Cecília chorando, tentando me puxar. Então tudo ficou branco e a dor parou. Sabia que, no final das contas, ela sempre daria um jeito de me salvar.



— Não precisa chorar, linda, tá tudo bem.

Fazia tempo que eu não sonhava com Cecília. Quero dizer, sonhar enquanto dormia. Acordado, sonhava com ela a toda hora. Mas tinha uma semana que aquele sonho era recorrente. Sempre ela chorando e a gente se abraçando. Ah, a ironia divina... Agora que tínhamos terminado, eu lembrava, toda noite, do dia em que me apaixonei por ela. Fazia um tempo que a gente se conhecia e eu vinha tentando criar coragem para chamá-la para sair – o que não era a coisa mais fácil do mundo. Eu fico nervoso nessas situações e, quando estou assim, acabo falando demais. E a maior parte é besteira. Invariavelmente, eu meto os pés pelas mãos. Minhas bochechas queimam sempre que me lembro da primeira vez que dei em cima de uma mulher.

Eu tinha treze anos e o nome dela era Carolina — a coisa mais linda que eu já havia conhecido. Era difícil segurar a baba quando ela desfilava pra lá e pra cá no recreio, sempre de risadinha com as amigas. O Binho, um menino magrelo que usava um tênis enorme de cano alto — o que lhe valeu o apelido de muriçoca de sete



léguas – sempre ria muito quando eu ficava daquele jeito.

— Porra, Binho, pára! Ela vai escutar...

— Ah, velho, vai lá e fala com ela logo. Pára de enrolação.

— Mas não sei o que eu faço, pô! Nunca paquerei ninguém.

— É simples. Semana que vem tem festinha na casa da Lu; ela vai, com certeza. Fica encarando de longe e, se ela sorrir, vai lá conversar, diz o que sente. Seja você mesmo.

— Esse é o problema Muriçoca...

Na festa da Lu, eu fiquei encarando a Carol do jeito mais sexy que pude imaginar — treinei uma semana no banheiro, pra alegria de meu irmão mais novo, que não continha as gargalhadas enquanto eu fazia careta na frente do espelho. Tipo Robert de Niro em Taxi Driver, só que mais malformado, com um bigode fino de adolescente e tentando fazer cara de gostoso — que ficou mais parecendo que tinha chupado uma pitomba azeda. Bem, fiz minha melhor cara de lindo pra Carol e quase caí pra trás quando ela sorriu. Talvez tenha sido pelo meu jeito apatetado ou sei lá... O fato é que ela sorriu e eu fiquei no canto, reunindo forças pra ir até ela. Respirei fundo e fui. Então, soltei as quatro palavras que me perseguiram o colegial inteiro:

— Oi, e-e-eu te amo.

— Oi?





Pois é, a partir daí todo mundo sempre me cumprimentou com um “Oi, eu te amo”. Foi um inferno! Duas festas depois, no entanto, beijei a Carol. Foi o meu primeiro e foi de fuder — não literalmente, claro. Todo atrapalhado, mas a coisa mais excitante que já tinha sentido. A verdade é que ela achou bonitinho eu ter ficado todo errado daquele jeito. Engraçado foi que ali eu descobri duas coisas que sempre estiveram presentes em meus relacionamentos. Uma é que demoro para descarregar o que eu sinto e quando vai é em avalanche – que se cuide quem estiver embaixo. A outra é que as meninas sempre acham isso “bonitinho”, sei lá por quê. Já desisti de entender, é mais fácil só aceitar, né?

Com Cecília foi a mesma coisa. A gente já flertava fazia um tempinho, mas, desvolto que só eu, não conseguia passar de nada além de uma conversa amigável. A primeira vez que a vi, a única coisa que me passou pela cabeça foi: “Nossa, ela é bonitinha, bem que eu podia sair com uma menina assim”. Parece um conto de fadas, né? Às vezes eu sou de um romantismo digno de homem das cavernas. Bem, a gente continuou a se trombar em festas e começou a conversar — papos inocentes de MSN e ficava nisso. Então eu comecei a achá-la linda – e não mais apenas bonitinha. Pode não parecer, mas isso muda tudo. E ela começou a ser meu pensamento constante antes de ir pra a cama. Eu demoro para

dormir e penso na vida (normalmente em mulheres, pra ser sincero – não, eu não sou um tarado!). Ela começou a ser a única coisa em que eu pensava enquanto olhava para o teto. E depois enquanto eu trabalhava. Enquanto eu dirigia. Do nada, do jeito que apareceu, ela foi dominando minha cabeça.

Até que chegou o dia em que criei coragem. Demorou, mas eu fui lá e falei tudo. Que tava muito a fim dela; que ela não saía do meu pensamento. Cecília começou a chorar e me abraçou. Disse que estava feliz de ouvir aquilo tudo e que me achava uma pessoa muito especial. O lance — sempre tem um lance — é que ela não estava aberta a relacionamentos. Não naquele momento (ô papinho... as pessoas acham que a gente ainda engole essa). Mas tinha adorado ouvir o que eu disse e gostaria, sinceramente, de que as pessoas dissessem mais o que sentem. Filha da puta, né? Ali mesmo eu soube que tinha me apaixonado de vez por aquela mulher. Coisa de cinema. Só que eu continuava morrendo de tesão por ela e tava voltando pra casa de mãos abanando. Essa era a parte difícil de se acostumar com o meu, digamos, processo lento.

Mal sabia eu que, um mês depois, eu terminaria a noite levando-a pra casa, agarrando-a na cozinha e tendo a noite mais incrível da minha vida até então. Tá vendo? Ela também achou bonitinho...



### III

— Um, dois, três, quatro, vai!

— Sem pulso ainda doutor.

— Carregue em trezentos. Um, dois, três, quatro, vai!

— Ainda sem pulso.

— Mais uma dose de atropina. Carregue em trezentos e sessenta. Um, dois, três, quatro, vai!

— Nada ainda.

— Há quanto tempo ele está assim?

— Quinze minutos.

— Vamos tentar mais uma vez. Trezentos e sessenta. Um, dois, três, quatro, vai!

— Temos pulso! Está fraco, mas está voltando.

— Ufa! Ô moleque de sorte.



## IV

De novo. Sonhando com Cecília. Aquela semana estava sendo muito estranha. Eu tinha esses *flashes* dela enquanto dormia, e não era inteiramente bom. Embora fosse ótimo sentir sua presença, nem que fosse num sonho, junto sempre vinha uma sensação horrível de dor. Talvez fosse a falta que ela me fazia ou sei lá... Não deixava de ser reconfortante, no entanto. E, nos últimos sonhos, ela não vinha sozinha. Eu via lá no fundo um rosto que conhecia. Demorei pra associar porque ele estava bem melhor do que da última vez que o tinha visto, mas era meu avô.

Fazia um certo sentido. Quando eu e Cecília começamos a namorar, meu avô estava muito doente. Na verdade, ele foi a causa de nossa primeira briga. Na noite em que ficamos juntos pela primeira vez, só fomos nos deitar pouco depois das cinco da manhã. Quando percebi o horário, disse que precisava ir embora. Não tinha nem ficado cinco minutos de conchinha e, óbvio, por causa disso ela me achou um filho da puta, fechou a cara e empacou pior que um jegue. Lição número um: ela era teimosa pra porra. Até eu explicar que precisava ir porque meu avô estava



doente; que todo domingo eu tomava café com ele; que o velho sentava à mesa às seis da manhã, o nome mais bonito que ela tinha me chamado foi de “cafajeste aproveitador” — tipo nome composto. Lição número dois: ela era briguenta. E lição número três: ela falava muito palavrão. Eu achava lindo.

O fato é que descobri que ela adorava a família, assim como eu, e fiquei sem saber o que dizer quando ela pediu para ir junto. Veja bem, meu avô não era das pessoas mais fáceis do mundo. Apesar da cara de azedo, Seu Euclides era um doce. Mas, como todo mundo que já viveu demais, ele estava de saco cheio desse mundo e não via a hora de cair fora — embora nunca admitisse. Vovô era duro na queda e sabia que não daria mole pra uma menininha que ele conhecia pela primeira vez na casa dele, na hora do seu café-da-manhã, às seis da madrugada. Só que Cecília não era qualquer menininha.

Cansei de argumentar: a teimosia dela ganhou. Tomamos banho e fomos. Chegando lá, minha tia já esperava por mim encostada no muro, como todo domingo. Meu avô vestia o pijama listrado azul que minha mãe tinha dado a ele no último natal. Ele se apegava às coisas, principalmente às que minha mãe dava. Entrei na sala:

— Bom dia, vô! Tudo bem?



— Bom dia, meu filho. Mas me diga: tem alguma coisa boa na velhice?

Cecília não conseguia conter o riso. Eu já tinha me acostumado. Ele conseguia ser muito engraçado quando estava de mau humor.

— Ah, vô! O que foi dessa vez?

— Meu filho, é esse fastio. Não tenho fome para nada. Ainda bem que tenho minha cerveja.

— E o senhor toma cerveja assim tão cedo?

Seu Euclides levantou os olhos da mesa pra ver quem lhe dirigia a palavra. Pousou-os em Cecília e, para minha surpresa, abriu um sorriso.

— Meu filho, quem é essa menina bonita que você trouxe aqui hoje?

Eu nunca tinha levado nenhum rolo, caso ou namorada pro meu avô conhecer. Engraçado que não tinha pensado nisso até aquela pergunta.

— Essa é Cecília, vô. Minha amiga.

— Amiga nada, namorada! Muito prazer em conhecê-lo, Seu Euclides.

Assim, sem mais nem menos, a gente começou a namorar. Cecília era foda. Só fazia as coisas como e quando queria. Ali



não me importei muito, achei o máximo, era o que eu queria de verdade. Depois, só me deu dor de cabeça, claro. Eu só conhecia uma pessoa mais teimosa do que ela: eu mesmo. Não podia dar muito certo...

— O prazer é todo meu, minha filha. Não, não tomo cerveja a essa hora. Eu começo às dez e meia. Tomo duas garrafas até o meio-dia, com uns petiscos para acompanhar. Só pra abrir o apetite pro almoço.

E assim ele continuou contando sua excitante rotina de aposentado. Vinte e quatro horas sem fazer nada, como só meu avô sabia fazer. Eu admirava profundamente aquilo e até invejava. Embora amasse a minha profissão, eu odiava trabalhar. Adorava ficar simplesmente sem fazer nada, o que irritava Cecília. Ela não conseguia parar quieta. Vai ver corria no meu sangue aquela vocação para vagabundagem. Desculpe, vô, vagabundagem é muito forte. Melhor boa-vida. Vocação para boa-vida.

Depois desse dia, ela passou a me acompanhar todos os domingos até a casa de Seu Euclides. Pra minha felicidade e dele também. Os dois avôs de Cecília tinham morrido quando ela ainda era muito nova, e ela encontrou no meu o que nunca teve. No dia em que meu avô faleceu, Cecília, de longe, era a que mais chorava no velório. Ela ficou uns dez minutos aos prantos em cima do



caixão, o que fez minha tia me pedir para tirá-la de lá.

— Meu filho, controle sua namorada, assim vão pensar que ela era amante dele. Você sabe como esse povo é maldoso.



V

— Posso entrar pra vê-lo agora?

— Sim, mas seja rápida. A condição dele é estável, mas ainda está em observação. O coração dele parou três vezes, e a perna ainda está muito sensível.

— Doutor, ainda corre risco de amputação?

— Sim, Cecília. Ainda não descartamos essa hipótese.

— Ai... Eu liguei pra mãe dele, mas não falei da perna. Não tive coragem.

— Pode deixar que eu conto. É o meu trabalho. Agora vá vê-lo.

— Obrigada, doutor.

## VI

Pronto, eu não agüentava mais. Tá bom, você venceu, eu ainda te amo. Agüentar todas noites era dose. Desde que terminamos, eu não pensava tanto assim nela. Nem quando estávamos juntos era desse jeito. Eu não sonhava todos os dias com ela. Até porque não precisava. O lance é que agora eu sentia muito a falta dela. Muito mesmo. Embora a gente tivesse terminado meio de comum acordo, eu não queria que acabasse. Quem estou querendo enganar? Foi ela quem terminou comigo. Se dependesse de mim, eu não terminava nunca.

Eu entendia o lado dela. A minha vocação para agir como um imbecil estava no apogeu durante nosso último mês juntos. Mas tive minhas razões. Cecília é uma pessoa, digamos, muito sociável. E eu era bem na minha. Eu cedia bastante, e a gente saía demais pros meus padrões que, antes dela, se resumiam às festas nas quais eu discotecava. Isso era besteira, porque o que me deixava feliz mesmo era estar junto dela — não importava onde fosse. Duro era agüentar a cacetada de amigos que ela tinha. Cecília não era uma menina comum. Ela era daquelas que fazem todos os



que honram suas cuecas virarem o pescoço para admirar. Por um lado, eu achava o máximo. Adorava me exhibir com ela. O que não faltava, porém, eram os donos das cuecas doidos para despirem-se de suas respectivas na presença de minha ex-namorada.

Ela adorava a atenção, claro. E não tenho do que reclamar da postura dela — sempre soube lidar bem com homens. Eu nunca precisava fazer nada. Morria de dar risada quando ela vinha contar sobre algum cliente casado que vinha tomar liberdade com ela. Enquanto fosse só um flerte inocente, ela apenas não correspondia, mantinha uma graça digna de princesa. Mas se o filho-de-chocadeira-gordo-nojento-careca-de-pau-pequeno tomasse alguma atitude mais incisiva, ela mandava tomar no cu com a delicadeza de uma heroína do baixo meretrício.

Eu controlei ao máximo a minha vontade de socar cada um daqueles imbecis. E incentivava Cecília a levar a situação da maneira menos nociva à carreira dela. No final das contas, mesmo que ela mandasse o sujeito enfiar as bolas no reto, era difícil que um deles desistisse de fazer o projeto. As mulheres dos *neanderthais* sempre gostavam muito do trabalho de Cecília. Isso era uma certeza que me confortava, mas não a ela. Disse antes e repito: apesar de extremamente talentosa, Cecília era mortalmente insegura profissionalmente. E eu, no nosso rela-

cionamento, era quase um menino. Ficava de bico se ela não me dava atenção, principalmente quando ela tinha de ficar de babá para um cliente.

Nos últimos tempos, tinha piorado muito. Eu estava cada vez mais chato. Eu era um ótimo chato. Se houvesse um campeonato de chatos, eu provavelmente seria *hours-concours*. Sabia que eu era chato até porque era de propósito — não era o tipo chato natural, o que não sabe que é chato. Eu sabia muito bem que conseguia ser insuportável. Cecília, infelizmente, havia se tornado o meu alvo preferido para aperfeiçoar minha *mala-sem-alcice* crônica.

— Alô.

— Oi, querido, sou eu.

— Oi, linda, vamos sair para jantar? Quer que eu te pegue na tua casa?

— Então, hoje não posso. Tenho de ir à casa do Paulo ver como ficou o acabamento do porcelanato.

— De novo? É a segunda vez esta semana já. Tá, legal então, Cecília. Mas faz um favor, avisa pro Paulo que o corno-manso aqui tá dizendo pra ele ser menos egoísta. Ele não pode comer minha mulher mais que eu numa semana. Assim fica difícil, né? Vou ser obrigado a fazer alguma coisa.



— Eu sei que estou trabalhando muito e que faz tempo que a gente não sai...

— Uma semana. Não que eu esteja contando...

— Eu sei, desculpa. Ele é um cliente importante e eu preciso fazer isso agora.

— Tá, se você precisa dar pra ele. Vai lá, dá pra ele!

Lógico que ela desligou o telefone depois dessa. Ainda assim, ela veio até minha casa aquela noite e se deitou na cama comigo, me deu um abraço e a gente simplesmente dormiu junto. Ela sempre me salvava, tá vendo? Mas, claro, ia chegar o dia em que eu faria merda. Não demorou muito, foi um dia antes da gente terminar. A gota d'água pra ela me dar um pé na bunda. O tal do Paulo fez uma festa para inaugurar o abatedouro dele, recém-decorado pela Cecília. O apartamento era realmente lindo. Digno de um tarado fornicador como o Paulo. Cecília iria ajudá-lo a comer muita mulher com aqueles rococós todos. Menos ela, embora o *playboy* não se conformasse. Desde de que a reforma havia começado, ele não parava de tentar. Ela sabia que ele queria comê-la; eu sabia que ele queria; e ele sabia que eu sabia. Mas o sujeito era tão folgado que tentaria de novo, aquela noite, na minha cara.

Uma hora ele conseguiu ficar a sós com ela num canto da

sala e foi pra cima. Ela se esquivou, mas o cara estava especialmente inconveniente. Eu vi a cena e, claro, também fui pra cima. A parede vermelha que Cecília tinha decorado com ilustrações dela mesma ficou num belo e harmonioso tom sobre tom com o sangue que espirrava do nariz dele. Porra, eu não ia ficar vendo aquele *boy* agarrar minha mulher na minha frente!

— Mas você não precisava ter socado ele. Eu me fudi agora, você entende isso?

— Precisava, sim. Ele é um filho da puta e só vai aprender assim.

— Sim, ele é um filho da puta. Mas um filho da puta cheio da grana e cheio de amigos com muita grana que têm apartamentos e casas maravilhosas esperando para serem reformadas. Você tem noção de quantos clientes me fez perder?

— Relaxa, você arranja outros.

— Relaxa o caralho! Você me desrespeitou hoje.

— Eu desrespeitei?! Se liga!

A lavagem de roupa suja foi até o outro dia de manhã. E assim acabou. Simples e bobo, né? Nunca pensei que o amor da minha vida fosse terminar assim. Esperava alguma coisa mais Romeu e Julieta. Eita, rapaz besta...



## VII

— Lindo, você está me ouvindo?

— ...

— Ai meu Deus. Não pode acabar assim. Fala comigo.

— ...

— Eu estou grávida, homem! De você. Não vai embora assim, por favor. Será que ele está me ouvindo?

— Continue falando. Os pacientes em coma normalmente ouvem o que estão dizendo pra eles. Quer que eu chame o doutor?

— Não precisa. Queria falar com ele sozinha, posso?

— Claro, vou deixá-los a sós. Qualquer emergência, aperte aquele botão.

— Obrigada, enfermeira. Como você se chama?

— Aparecida.

— É a santa de devoção da mãe dele. Que bom que é você quem está cuidando dele.

— É a minha também, minha filha. Espero que eu possa ajudar. Vou sair agora.



## VIII

Dessa vez o sonho tinha sido estranho. Cecília estava chorando, mas tinha um monte de gente junto com ela. E parecia que algo estava acontecendo. Era uma correria danada. Bem, não entendi direito, mas pelo menos a dor tinha passado. Era a primeira vez que eu conseguia levantar da cama. Não tinha pensado nisso antes...

Estava num quarto esquisito, não conhecia aquele lugar. Era tudo muito branco e iluminado. Tinha umas luzes fortes no teto. Parecia estar vazio, mas eu conseguia ouvir umas vozes vindo de trás da porta. Alguém estava chorando do outro lado. Fiquei curioso para saber o que era e fui em direção à porta.

— Pare, meu filho. Não tem mais nada ali pra você.

— Vô?! O que você tá fazendo aqui?

— Vim te ajudar, rapaz. Não é tão fácil assim perceber que morreu.

— Oi? Quem morreu?

— Você, homem. Quantas vezes eu te avisei que aquele fusca ia acabar te matando? Bem, tinha de ser assim de qualquer

maneira.

— Cacete... Eu sei, mas eu gostava dele. E Cecília? Como ela vai ficar?

— Ela vai ficar bem. Não se preocupe com seu filho também. Você já fez a sua parte, agora é com eles.

— Então ela tá grávida mesmo? Eu achei que tinha sonhado.

— Não, ela contou enquanto você estava inconsciente. E o nome do menino vai ser Euclides. Ha!

— Boa escolha, sabia que ela ia nos homenagear. Menino de sorte esse.

— Ah, sim, não tenha dúvida. Vamos?

— Vamos. Vê, posso perguntar uma coisa?

— Claro, manda.

— Então é assim que é uma alma?

— Sim, legal, né?

— É, olha só...

**FIM**



## SOBRE O DJ

DJ Shadow viveu toda sua adolescência na Califórnia, EUA, e era um DJ na rádio comunitária KDVS. Durante esse tempo, ele fez um trabalho experimental misturando *hip-hop* instrumental com artistas de gravadoras norte-americanas. O primeiro cd foi *Endtroducing...*, lançado em 1996, com grande sucesso de crítica. Em 2001, *Endtroducing...* entrou no *Guinness Book* como primeiro disco feito completamente de samples.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **ENDTRODUCING... — DJ SHADOW**

Design por Ben Drury e Will Bankhead

Fotografia por Barney Bankhead e Will Bankhead

Lançado em 19 de Novembro de 1996

Selo: Mo' Wax

Produzido por DJ Shadow

Para mais informações sobre o DJ, visite:

**[www.djshadow.com](http://www.djshadow.com)**

## SOBRE O AUTOR

Filipe Luna é arquiteto, mas só tecnicamente. Logo viu que não nasceu para contrapisos e taludes e começou a escrever sobre música. Repórter da revista *Trip* há quase dois anos, também colabora com o *site/revista/festival* Coquetel Molotov (<http://www.coquetelmolotov.com.br>) e o *site* Radiola Urbana (<http://www.radiolaurbana.com.br/>), onde sabe o que diz com seu sotaque pernambucano em locuções e textos.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 17 ENDTRODUCING...

DJ SHADOW

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. BEST FOOT FORWARD
2. BUILDING STEAM WITH A GRAIN OF SALT
3. NUMBER SONG
4. CHANGELING/TRANSMISSION 1
5. WHAT DOES YOUR SOUL LOOK LIKE, PT. 4
6. [UNTITLED TRACK]
7. STEM/LONG STEM/TRANSMISSION 2
8. MUTUAL SLUMP
9. ORGAN DONOR
10. WHY HIP HOP SUCKS IN '96
11. MIDNIGHT IN A PERFECT WORLD
12. NAPALM BRAIN/SCATTER BRAIN
13. WHAT DOES YOUR SOUL LOOK LIKE, PT. 1: BLUE SKY REVISIT

